

Entre a Vertigem e as Palavras na Clínica Psicanalítica: uma reflexão

Enaio | Versão ampliada do trabalho apresentado no I Encontro Latino-Americano de Escrita e Psicanálise, ocorrido em Porto Alegre, na SBPdePA, em outubro de 2013.

Tula Bisol Brum

Psicanalista de criança, adolescente e adulto, membro associado da SPPA. Editora da Revista de Psicanálise da SPPA.

[...] a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. (WINNICOTT, 1975, p. 63).

A escrita da clínica psicanalítica ou, melhor dito, dos restos da clínica, pois trata de colocar em palavras o que for possível capturar da experiência emocional vivida no campo analítico, é fundamental para consolidar a psicanálise como ciência. Nas evidências construímos as teorias. E o relato clínico é um meio fértil de comunicação para o debate dos diferentes vértices teórico-clínicos entre os psicanalistas.

Além disso, pensar sobre a necessidade de escrever os restos da clínica, como propõe o *Primeiro encontro latino-americano de escrita psicanalítica*, pensar por que escrevemos, remete-me a Ferreira Gullar (2013, p. 20) e sua bela poesia. Suponho que escrevemos porque, como diz o poeta, “uma parte de mim é só vertigem; outra parte, é linguagem”. Nesta breve reflexão, pretendo discorrer sobre esta possível oscilação no estado mental da dupla analítica ao vivenciar uma experiência emocional intersubjetiva e compartilhada, amparada pela *rêverie* do analista.

Vertigem, no sentido médico, significa “sensação de falta de equilíbrio no espaço que faz parecer ao indivíduo girarem todos os objetos a sua volta. É como ter a cabeça oca, a sensação precede ao desmaio [...] também é chamada de tonteira” (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2009-2014, não paginado). No sentido figurado significa “perturbação, desvario, perda momentânea do controle sobre si próprio” (DICIONÁRIO AULETE, 2014, não paginado).

Guardadas as devidas diferenças e proporções, pergunto: poderíamos pensar que também faz parte do campo analítico este estado de vertigem no sentido figurado e metafórico que nos brinda a poesia de Ferreira Gullar? Pensar que momentos de vertigem talvez sejam inerentes ao diálogo analítico com nossos pacientes, que acontece de inconsciente para inconsciente?

Neste trabalho, comparo vertigem com vivências de desorganização emocional durante o processo de crescimento mental quando é positiva a evolução da transformação em *O*, para *vir a ser*. O ato de conhecer, o aprender com a experiência emocional gera mudanças catastróficas quando nos aproximamos de fatos novos e desconhecidos, o *O* incognoscível. A violência desta turbulência emocional provoca sofrimento semelhante ao medo do colapso, *breakdown* (WINNICOTT, 1994) ou ansiedade de aniquilamento (BION, 1997).

Suponho, baseada nestas ideias, que este estado de vertigem nos possibilita habitar espaços oníricos do nosso mundo interno e de nossos pacientes, repleto de personagens estranhos, desconhecidos, deformados, e de sentimentos intensos e devastadores, ao mesmo tempo vagos e efêmeros. Parece que entramos neste mundo como entrou Alice no país das maravilhas, numa queda vertiginosa, na qual nos é apresentada toda riqueza, complexidade, obscuridade e diversidade sobre quem somos, o que sentimos e como vivemos. Um mundo que, além de desconhecido, é pouco nítido porque protegido pelas brumas dos mistérios da existência. Aos poucos e lentamente, num movimento de vaivém o paciente nos apresenta sua intimidade e seu sofrimento. A nós cabe delicadeza e suavidade na condição de observadores perante o que nos é apresentado para ser compreendido e traduzido. Precisamos enfrentar esta vertigem em estado de *ato de fé* pela busca da verdade, a verdade de cada um, como define Bion (1974). E depois ser capaz de sair deste estado para tentar compartilhar e compreender com palavras a experiência emocional vivida, num primeiro momento com o paciente através da interpretação e posteriormente com os colegas através do relato clínico.

Bion (*apud* GRINBERG, 1991, p. 86) inspirou-se no *Paraíso perdido* de Milton para referir-se à realidade psíquica no início de uma sessão: um “infinito vazio e sem forma”. Aprendemos desde Freud que a realidade psíquica não pode ser captada pelos órgãos dos sentidos (ver, ouvir, entender), pode somente ser intuída. Segundo Bion (1974), podemos evoluir em *O* (*vir a ser*) até o ponto que nossa intuição capta e dá coerência ao reunir os fenômenos aparentemente dispersos da realidade psíquica. E para experimentar junto com o paciente, entrar em contato e captar estes fenômenos, o analista deve realizar o que Bion chama de *ato de fé*, ou seja, se esforçar e ter disciplina para manter um estado mental voluntário no qual renuncia à memória ativa, ao desejo, inclusive ao desejo de compreensão.

Este processo exige uma condição fundamental: tolerar o sofrimento e a frustração diante do não saber. Assim acontece o diálogo psicanalítico, uma experiência única e não transmissível. A interpretação (linguagem de êxito) que surge quando o analista reúne os fenômenos com alguma coerência (fato selecionado), resulta também da possibilidade de o analista tolerar a dúvida e os mistérios.

Vale lembrar que as manifestações de nossos pacientes (fenômenos) que observamos na clínica, o cerne da natureza humana, de alguma forma já foram capturadas pela inspiração dos escritores, poetas e artistas.

Assim, voltemos à literatura. Desta vez, aproprio-me das palavras de Clarice Lispector (1998) para descrever sentimentos possíveis na difícil trajetória da escrita entre a vertigem e as palavras. Utilizarei trechos do seu livro *A hora da estrela* como vinhetas que trazem como personagens Macabéa e seu criador, Rodrigo S. M.

Escreve Clarice (LISPECTOR, 1998a, p. 11-21), através de Rodrigo, os sentimentos vivenciados ao escrever a história de Macabéa:

Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo [...]. A verdade é sempre um contato interior inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique [...] e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo [...]. Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira [...]. Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-que o meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases [...]. O fato é que tenho nas minhas mãos um destino e no entanto não me sinto com o poder de livremente inventar: sigo uma oculta linha fatal. Sou obrigado a procurar uma verdade que me ultrapassa [...].

Penso que este trecho descreve com muita clareza os sentimentos que também vivenciamos ao escrever os restos da clínica.

Segue Clarice/Rodrigo (LISPECTOR, 1998a, p. 11-21):

Como escrevo? [...] Não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas [...] voam faíscas e lascas [...] a elaboração é muito difícil [...] tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo [...]. Para que escrevo? E eu sei? [...] às vezes também penso que eu não sou e, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de mim. Sou Eu? Espanto-me com o meu encontro [...]. Mas continuarei [...]. Escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa

úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais [...]. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador [...] Mas onde está o que quero dizer, onde está o que devo dizer? [...] Eu tenho quase tudo, eu tenho o contorno à espera da essência; é isso? – o que deve fazer alguém que não sabe o que fazer de si? [...] Como eu não sabia o que era, então “não ser” era a minha maior aproximação da verdade [...]. Só quando esquecemos todos os nossos conhecimentos é que começamos a saber [...]. Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho que me copiar com uma delicadeza de borboleta branca [...]

Referindo-se a Macabéa, Rodrigo S. M. escreve: “Alguma coisa estava acontecendo [...] alguma coisa com um significado [...]. É que nunca se lembrara de organizar sua alma em linguagem [...]” (LISPECTOR, 1998a, p. 11-21).

Clarice, com a sensibilidade dos poetas e escritores, nos transmite com palavras simples, claras e profundas (linguagem de êxito), sentimentos possíveis neste estado emocional de vertigem na busca da linguagem ao escrever um texto. Transmite a dificuldade para alcançar a escrita, assim como o paradoxo: o que se apresenta para ser conhecido já existe, trata-se de reconhecer o conhecimento já existente.

Segundo Bion (1997), a mente contém um universo potencial de pré-concepções a ser desvendado em busca de significados, um mundo de conteúdos oníricos. Sugere que os primeiros signos do pensamento possuem propriedades afetivas ainda não elaboradas e constituem a base do psiquismo, uma linguagem primitiva que refere estados mentais catastróficos. No princípio, as palavras estão em estado de sonho e precisam ser sonhadas muitas vezes para alcançarem o estado manifesto e adquirirem significados. No início, são pensamentos em busca de um autor, é preciso desenvolver a mente para pensá-los (BION, 1997).

Assim, na escrita através das palavras, buscamos dar continência ao conteúdo das turbulências vividas nas experiências emocionais, já processadas e transformadas em elementos alfa, que constituem os pensamentos oníricos para serem sonhados (BION, 1997).

A criatividade do relato vai depender da capacidade imaginativa diante do que pode ser percebido quando se tolera a condição de não ter acesso ao belo do interior do objeto, que é inacessível pela natureza da sua profundidade (MELTZER; WILLIAMS, 1995).

São os mistérios como diz Clarice Lispector (1998a, p. 59). Para ela, a coragem de viver depende da capacidade para deixar “oculto o que precisa ser oculto e precisa irradiar-se em segredo na frase seguinte”. E acrescenta: “A verdade última a gente nunca diz [...]”.

Portanto, ao escrever também conferimos o que não pode ser escrito, contido pelas palavras. Desta forma, escrever contribui para desenvolver nossa *capacidade negativa* para tolerar o desconhecido e o *não saber* (nossa ignorância).

Como psicanalistas, devemos estabelecer uma relação mais contemplativa e menos investigadora diante dos mistérios da vida. Neste sentido, nossa postura analítica é não decifrar mistérios/enigmas. Junto com o paciente, fazemos transformações narrativas para “dar vida a uma cena teatral que represente as emoções do campo em um crescendo não saturado de aberturas dos sentidos”, matéria-prima para a vida onírica (FERRO, 2000, p. 49).

Como foi dito anteriormente, no campo analítico, o *ato de fé* e *capacidade negativa* permitem que a dupla analista/paciente possa esperar surgir algo que ilumine estados mentais mais desconhecidos. Creio que também necessitamos destas condições no relato da clínica.

À propósito das transformações narrativas descritas por Ferro, palavras que dão vida a uma experiência emocional, seria bom lembrar que Freud, desde o início, dizia que o tratamento seria pela palavra e, para Meltzer, seria a poesia a melhor forma de expressar emoções. Vinícius de Moraes dizia que a poesia é um diálogo entre a solidão de quem escreve e a solidão de quem lê. Acrescento, por fim, que para Ferreira Gullar fazer poesia exige a capacidade de se assombrar com a vida. Segundo Gullar, quando o poeta coloca em palavras este assombramento, é porque não está mais refém dele. Não somos poetas na maioria das vezes, mas acredito que para sermos psicanalistas, de alguma forma precisamos ter capacidade para nos assombrarmos com a vida, para nos surpreendermos com o inesperado e suportar a solidão no mundo onírico compartilhado. Poder submergir neste diálogo solitário que toma vida no campo analítico, aceitar a distância entre o que se é e o que gostaríamos de ser, assim como a impossível tarefa de alcançar a Realidade Última, o O de Bion (1970). Mas acredito ser a fé na psicanálise iluminada pela busca da verdade, o alimento para nossa alma, que nos guia determinados a buscar a maior aproximação possível. Acredito que o ato de escrever um texto psicanalítico também apresenta esta dinâmica.

Assim, escrevemos para tentar expressar as emoções contidas no campo analítico e, desta forma, elaborar o assombramento diante do conflito estético vivido

nesta experiência. Na realidade, escrevemos quando emergimos do estado de vertigem e do assombramento pelo impacto emocional do que nos é transmitido.

No entanto, nos defrontamos com a incompletude, uma importante característica inerente da escrita e do ser humano a propósito da “amplitude e dos limites da simbolização e representação no âmbito psicanalítico” (AHUMADA, 2013, p. 619).

Bion (1974) compreende que existe um abismo entre o si mesmo humano e o si mesmo místico¹ e acrescenta que a capacidade para conter a experiência emocional, significá-la, representá-la e formulá-la, diminui este abismo. Aproximar-se de O é integrar momentaneamente o humano e o místico. As palavras utilizadas para comunicar esta integração devem surgir como um signo não saturado com possibilidades de emoções fortes para conter o místico. Penso que entre o estado de vertigem e o encontro das palavras, tanto na sessão quanto no relato dos restos da clínica, vivemos na corda bamba, buscando um equilíbrio possível à beira destes abismos. Suponho que o equilíbrio necessário para ter alguma estabilidade nesta corda bamba depende da permeabilidade da barreira de contato (BION, 1997), que pode facilitar ou dificultar o trânsito entre mundo interno e mundo externo.

Portanto, neste trânsito, tentamos colocar em palavras vivências que ocorrem nos limites do abismo. Aqui recorro novamente à inspiração de Clarice Lispector (1998b, p. 79-84), agora em *Água viva*, para melhor traduzir estas vivências.

[...] foi uma sensação súbita, mas maravilhosa. A luminosidade sorria no ar: exatamente isso. Era um suspiro do mundo. Não sei explicar [...]. É indizível o que me aconteceu em forma de sentir: preciso depressa de tua empatia. Sinta comigo. Era uma felicidade suprema. Passa-se a sentir que tudo o que existe respira e exala um finíssimo resplendor de energia. A verdade do mundo, porém, é impalpável [...]. É apenas a graça de uma pessoa comum que a torna de súbito real porque é comum e humana e reconhecível. As descobertas nesse sentido são indizíveis e incomunicáveis. E impensáveis. É por isso que na graça

¹ Segundo Bion (1974) seria necessário um indivíduo excepcional (*gênio, messias ou místico*) para manejar de forma adequada os mecanismos psicóticos (a loucura) e promover a vida do grupo (paciente/analista), preservando sua coerência e identidade. O místico é essencial para a existência e o desenvolvimento do grupo, seja para crescer (criativo/constructivo) ou destruir (nihilista/destrutivo). Estas qualidades coexistem e ambas são estruturantes. “Pode proclamar-se revolucionário ou pode declarar que sua função é cumprir as leis, as convenções e o destino de seu grupo [...]. O alcance da força destrutiva está limitado pelo veículo de comunicação [...] expressado mediante a ação, a palavra, a escrita ou a estética” (p. 63, tradução nossa). Através do místico e da sua crença nas qualidades de *deidade*, é possível aproximar-se de O, partes não nascidas da personalidade (partes psicóticas da personalidade, PPP).

eu me mantive, sentada, quieta, silenciosa. Depois lentamente saí [...] devagar, com um suspiro de quem teve tudo como o tudo é. Essa felicidade eu quis tornar eterna por intermédio da objetivação da palavra [...]. Vi quando começou e me tomou. E vi quando foi se desvanecendo e terminou. Mas agora quero ver se consigo prender o que me aconteceu usando palavras. Ao usá-las estarei destruindo um pouco o que senti – mas é fatal. Vou chamar o que se segue de “À margem da beatitude”. Começou assim, bem devagar: Quando se vê, o ato de ver não tem forma [...] O ato de ver é inefável. E às vezes o que é visto também é inefável. É assim certa espécie de pensar-sentir que chamarei de “liberdade”, só para lhe dar um nome. Liberdade mesmo - enquanto ato de percepção – não tem forma. E como o verdadeiro pensamento se pensa assim mesmo, essa espécie de pensamento atinge seu objetivo no próprio ato de pensar [...] Acontece que o pensamento primário – enquanto ato de pensamento - já tem forma e é mais facilmente transmissível a si mesmo, ou melhor, à própria pessoa que o está pensando: e tem por isso – por ter forma – um alcance limitado. Enquanto o pensamento dito “liberdade” é livre como ato de pensamento. É livre a um ponto que ao próprio pensador esse pensamento parece sem autor. O verdadeiro pensamento parece sem autor. E a beatitude tem essa mesma marca. A beatitude começa no momento em que o ato de pensar liberou-se da necessidade de forma. A beatitude começa no momento em que o pensar-sentir ultrapassou a necessidade de pensar do autor – este não precisa mais pensar e encontra-se agora perto da grandeza do nada. Poderia dizer do “tudo”. Mas “tudo” é quantidade, e quantidade tem limite no seu próprio começo. A verdadeira incomensurabilidade é o nada, que não tem barreiras e é onde uma pessoa pode espriar seu pensar-sentir [...]. Quero também te dizer que depois da liberdade do estado de graça também acontece a liberdade da imaginação [...]. No fundo, bem atrás do pensamento, eu vivo dessas ideias, se é que são ideias. São sensações que se transformam em ideias porque tenho que usar palavras. Usá-las mesmo mentalmente apenas. O pensamento primário pensa com palavras. O “liberdade” liberta-se da escravidão da palavra.

Não vê que isto aqui é como filho nascendo? Dói. Dor é vida exacerbada. O processo dói. Vir-a-ser é uma lenta e lenta dor boa. É o espreguiçamento amplo até onde a pessoa pode esticar. E o sangue agradece. Respiro, respiro [...] Calome. (p. 58).

Seria possível correlacionar o estado de vertigem que proponho neste trabalho a *margem da beatitude* descrita por Clarice, onde a dupla analista e analisando poderia espriar seu pensar-sentir?

Indo mais além, também podemos conjecturar esta narrativa relatada por um paciente por associação livre para um analista em estado de atenção flutuante e escuta sem memória e sem desejo. A necessidade da narrativa do paciente e da escuta atenta e afetiva do analista, na sua forma mais humana possível em es-

tado de *rêverie*/continência, pode evoluir para uma possível narrativa do analista através da interpretação, construção ou reconstrução da história do paciente, a verdadeira história *escrita a quatro mãos* no campo analítico, na vivência genuína e única da transferência e da contratransferência. Posteriormente, isto pode ser transformado na escrita do analista, os restos da clínica, palavras que também ajudam a exercer a função *rêverie*/continência para compreender, digerir, transformar as ressonâncias da fala/narrativa do paciente e do analista.

Ahumada (2013) sugere a importância da palavra/linguagem para o desenvolvimento da subjetividade do bebê desde o intraútero em estado ainda pré-verbal. “Através da linguagem, a criança encontra o principal de seu caminho para o mundo na socialização de suas necessidades” (AHUMADA, 2013, p. 615).

Este autor, baseado em Spitz (*apud* AHUMADA, 2013), entende que o processo de simbolização no desenvolvimento psíquico surge no chamado diálogo primário entre mãe/bebê o qual tem início na gravidez, segue na amamentação e precede a compreensão da linguagem verbal. Ainda citando Winnicott (*apud* AHUMADA, 2013) destaca a importância da continuidade do encontro no diálogo emocional para o desenvolvimento dos bebês.

Trago estas ideias porque suponho que novamente podemos correlacionar com a importância da narrativa que acontece na sessão, a mãe/analista num *gesto espontâneo*, Winnicott (1983) segue a iniciativa do bebê/paciente de forma que este sente que cria e descobre a relação afetiva de inconsciente para inconsciente que se desenvolve no campo analítico.

Utilizo, neste trabalho, a palavra vertigem no sentido metafórico para descrever esta experiência emocional que ocorre através do contato dos órgãos do sentido com os estímulos externos e não pode ser contada nem escrita. Por isto a sessão analítica é uma experiência única e não transmissível.

Ogden (2010) compara a escrita analítica com a criação de uma obra de arte porque lutamos constantemente “com a realidade de uma experiência analítica, que como as outras experiências, não chegam até nós em palavras” (p. 137). “A arte reside em conseguir sustentar um diálogo vital entre a experiência analítica vivida e a vida da história escrita” (p. 140).

Para este autor, quando escrevemos os restos da clínica estamos “sempre colidindo contra uma verdade paradoxal: a experiência analítica (que não pode ser dita ou escrita) deve ser transformada em ‘ficção’ (uma versão imaginativa de uma experiência em palavras), para que a verdade da experiência seja transmitida ao leitor” (OGDEN, 2010, p. 140). Conclui que a “escrita psicanalítica transfor-

ma fatos em ficção os quais se tornam reais na experiência da leitura” (*Ibid.*). Considera que a maneira como iniciamos o relato demonstra de forma significativa como pensamos, percebemos e o que valorizamos nos restos da clínica. Além disso, sugere, quando possível, deixar a história surgir dentro de nós junto com o processo da escrita, espontaneamente “como acontece na vida, nunca sabemos o que vai acontecer antes que aconteça” (OGDEN, 2010, p. 143).

Assim, a nossa tarefa ao relatar os restos da clínica é encontrar palavras que possam captar e traduzir de alguma forma a experiência da sessão analítica, a essência do diálogo entre paciente e analista. As metáforas, “os pensamentos mais profundo que temos” (OGDEN, 2010, p. 145) permitem que a escrita analítica signifique além do que é capaz de dizer. Clarice Lispector nos mostra isto de forma clara e poética em seus textos.

Antes de finalizar, retomo a epígrafe e a ideia sobre o estado de vertigem para salientar que considero essencial correlacionar este estado ao conceito de Winnicott (1975) a respeito do brincar, estado de “quase alheamento” da criança ao habitar a área do espaço potencial (*playground*) que une mãe/bebê. Diz Winnicott (1975, p. 76): baseada na confiança e magia que surge na intimidade desta relação,

sem alucinar, a criança põe para fora uma amostra do potencial onírico e vive com esta amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa [...] manipula fenômenos externos a serviço do sonho e veste fenômenos externos escolhidos com significado e sentimento oníricos.

Desta forma, para Winnicott, e concordo com ele, o brincar proporciona a integração do *self*, o existir como pessoa, na medida em que o humano é compartilhado no fantasiar, na imaginação do sonho acordado, no encontro íntimo e verdadeiro entre mãe/bebê, analista/analizando.

Esta descrição de Winnicott me remete a imagens e vivências emocionais da história de Alice percorrendo o país das maravilhas, onde os animais falam e os objetos ganham vida. Suponho que na vertigem, ao devanear, inventamos novos universos, criamos realidades paralelas contraditórias que coexistem e subvertem a realidade vigente. Esta possibilidade de sonhar e brincar com a realidade nos permite criar outras versões que a enriquecem.

Neste sentido, Ogden também correlaciona o estado de escrita ao devaneio no *setting* analítico. Ele enfatiza a necessidade de “elevada receptividade à experiência inconsciente” (OGDEN, 2010, p.148) para explorar-se no devaneio. Para ele, é uma experiência física na qual o pensamento é mais auditivo, é uma espécie de sonho acordado, “uma experiência de viver na fronteira do sonho” (*Ibid.*). Neste

estado emocional “a linguagem se infunde da cor e intensidade do inconsciente” (*Ibid.*).

Por fim, vale destacar a importância que Ogden (2010, p. 152) atribui à experiência da escrita na criação de novas “formas literárias” que contribuem para o desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Afirma que o momento mais difícil é chegar numa ideia que estimule a imaginação e depois encontrar um modo de desenvolvê-la. Penso que o árduo relato da escrita psicanalítica nos proporciona esta experiência.

Dentro do possível e a propósito da importante contribuição de Bion para a psicanálise, procurei estudar algumas vivências possíveis da dupla analista/analizando desde a vertigem/escuta ao relato/escrita dos restos da clínica, explorando, como nos ensina Bion (1962), a forma como sonhamos, pensamos e processamos a experiência emocional.

Espero que os conceitos e ideias dos vários autores utilizados neste trabalho auxiliem para transmitir ao leitor a correlação proposta entre vertigem, o sonhar acordado ou sonhar a dois e a difícil trajetória percorrida até as palavras, tanto pelo paciente ao contar sua história como pelo analista ao transformar em palavras/interpretação e posteriormente no relato clínico a experiência emocional vivida.

Encerro com a poesia de Ferreira Gullar (2013, p. 19) *Traduzir-se*, fonte inicial de inspiração que estimulou minha imaginação na escrita deste trabalho.

Uma parte de mim
é todo o mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão;
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;

outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

Referências

AHUMADA, J. L. Alcance e limites da simbolização e da representação dos processos psíquicos nas filosofias, na psicanálise e nas neurociências. **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 605-633, dez. 2013.

BION, W. R. **Atención e interpretación**. Buenos Aires: Paidós, 1974.

_____. **Aprendiendo de la experiencia**. Buenos Aires: Paidós, 1997.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Vertigem**. 2009-2014©. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/vertigem/>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

FERRO, A. Elogio da fileira C: a psicanálise como forma particular de literatura. In: _____. **A psicanálise como literatura e terapia**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

GRINBERG, L.; SOR, D.; BIANCHEDI, E. T. **Nueva introducción a las ideas de Bion**. Madrid: Julián, 1991.

GULLAR, F. Traduzir-se. In: _____. **Na vertigem do dia**. [Rio de Janeiro]: José Olympio, 2013. p.19-20.

iDICIONÁRIO AULETE. **Vertigem**. 2014©. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/vertigem/>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

_____. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

MELTZER, D.; WILLIAMS, M. H. **A apreensão do belo**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

OGDEN, T. Sobre a escrita psicanalítica. In: _____. **Esta arte da psicanálise**:

sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 139-154.

WINNICOTT, D. W. Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro self.

In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: Estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 128-139.

_____. O brincar: uma exposição teórica. In: WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 59-77.

_____. O medo do colapso (Breakdown). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**: D.W. Winnicott. Porto Alegre: Artmed, 1994. Reimpressão 2007. p. 70-76. Original publicado em 1963.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Revisão de português: Ana Rachel Salgado

Tula Bisol Brum

Cel. Bordini, 689/505, Auxiliadora

90440-003 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: tulabrum@terra.com.br